

LEITURAS PLURAIS: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL DECOLONIAL NO IFSP BARRETOS

Nadson Ayres dos Santos – Instituto Federal de São Paulo, Campus Barretos
ayres.nadson@aluno.ifsp.edu.br

Aline Maria Miguel Kapp-Barboza – Instituto Federal de São Paulo, Campus Barretos
alinekapp@ifsp.edu.br

RESUMO

O projeto “Leituras Plurais: educação étnico-racial e a palavra mundo” foi desenvolvido no IFSP Barretos entre 2021 e 2022, inicialmente como “projeto de ensino”, com atividades remotas por conta da pandemia, posteriormente, como projeto de extensão com encontros presenciais e intervenções em escolas públicas. A iniciativa promoveu debates sobre questões étnico-raciais a partir de uma perspectiva decolonial, integrando literatura, arte, música, textos jornalísticos e conteúdos digitais. Foram abordados temas como cosmologias indígenas e afro-brasileiras, religiosidades, culinária ancestral, tecnologias tradicionais e estereótipos da mídia. As atividades dialogavam com os saberes científicos, estimulando a reflexão crítica, a incidência política e a valorização da pluralidade que compõe o povo brasileiro. Voltado a estudantes do ensino fundamental e médio, o projeto contribuiu significativamente para o ensino de Ciências, articulando conhecimento, identidade e justiça social.

Palavras-chave: Educação étnico-racial; Decolonialidade; Saberes tradicionais;

Antirracismo.

INTRODUÇÃO

A educação deve ser entendida como um processo de desenvolvimento humano, constituindo-se um espaço sociocultural e institucional responsável pelo trato do conhecimento e da cultura (Brasil, 2006). Desse modo, os aspectos culturais e históricos de todos os grupos sociais devem ser incluídos nas discussões curriculares, conduzindo para uma visão de educação centrada no respeito à diversidade. A escola é espaço de formação do sujeito social,

por isso também cabe a ela levantar questões importantes para a construção de uma sociedade que valorize e (re)conheça a pluralidade étnico-racial.

O projeto “Leituras Plurais: educação étnico-racial e a palavra mundo”, atendendo à exigência das legislações que tornam obrigatório no país o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nas instituições de ensino público e privado, teve como objetivo central desenvolver atividades de leitura, produção textual e debates que visam tratar da temática étnico-racial a partir de um ponto de vista decolonial, aberto a uma pluralidade de vozes e caminhos. Para tanto, foram realizados semanalmente encontros de debate e diálogo organizados por temas. Para além dos debates, os participantes leram e produziram diversos textos multimodais (vídeos de Youtube, músicas, podcasts, tweets, romances, contos, charges e tirinhas, poemas, imagens, notícias, pinturas etc.) dentro da temática do projeto buscou-se, portanto, trazer contribuições que levem os alunos a refletirem sobre suas posturas, enquanto cidadãos, bem como tomadas de decisões nos meios históricos, políticos e sociais.

RELATO DO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

O projeto “Leituras Plurais: educação étnico-racial e a palavra mundo” foi uma experiência pedagógica conduzida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Câmpus Barretos - sendo posteriormente realizada em outros espaços escolares -, com o propósito de fomentar uma formação crítica e antirracista, a partir de uma abordagem decolonial que valoriza a pluralidade étnico-racial por meio da discussão da história e cultura afro-brasileira e indígena. A esse respeito, vale ressaltar que as primeiras experiências preconceituosas são observadas no contexto escolar dos sujeitos, e, na maioria das vezes, essa vivência acaba marcando todo o processo de escolarização dos estudantes (Algarve, 2004).

Merece atenção o fato de que o preconceito reproduzido em ambiente escolar é resultado do racismo, que é estrutural e antecede esse espaço. Ele já está presente nas relações familiares, comunitárias e midiáticas. Na escola, essas práticas ganham visibilidade e se intensificam, muitas vezes por falta de mediações pedagógicas adequadas. Como instituição social, a escola pode tanto reforçar estigmas quanto combater desigualdades. Seu papel é ambíguo, mas estratégico no enfrentamento do racismo.

Assim, reconfigurar as estruturas de poder, como defende Kilomba (2019), permite que muitas identidades marginalizadas possam também reconfigurar a noção de conhecimento.

Foram dois anos de execução das atividades, a princípio, concebido como Projeto de Ensino, a proposta teve início em 2021, durante o período de ensino remoto ocasionado pela pandemia de Covid-19. Diante desse cenário, os encontros ocorreram por meio da plataforma

Google Meet e atenderam apenas estudantes da instituição, sendo majoritariamente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Já em 2022, com a retomada das atividades presenciais e com uma demanda para expansão, o projeto foi reestruturado como ação de extensão, ampliando seu alcance para a comunidade interna e externa ao Instituto.

Os encontros passaram a ocorrer presencialmente, sempre às sextas-feiras, das 15h às 17h, na unidade sede do IFSP Barretos, ao longo de todo o ano de 2022. Além das atividades realizadas dentro do câmpus, o projeto também promoveu intervenções em escolas públicas da cidade, com foco em estudantes do ensino fundamental e médio, na faixa etária de 12 a 18 anos.

Durante essas ações, foram utilizadas diferentes estratégias pedagógicas para promover o engajamento e a reflexão crítica, entre elas, destacam-se a distribuição de materiais educativos, os varais de poesia, a exibição de vídeos e a realização do chamado “recreio musical”, momento em que músicas com forte conteúdo identitário eram tocadas para provocar discussões e estimular o diálogo sobre questões étnico-raciais. As canções escolhidas traziam letras de artistas que expressam, em suas obras, vivências pessoais, vínculos com a ancestralidade e conexões diretas com os temas abordados nos encontros.

Uma das atividades mais significativas do projeto “Leituras Plurais” abordou as práticas sustentáveis na agricultura por meio dos saberes ancestrais afro-indígenas. A proposta integrou a leitura de um conto indígena sobre a origem da mandioca, a valorização das contribuições de povos originários e africanos na culinária, e a discussão sobre tecnologias agrícolas tradicionais. Um dos destaques foi o estudo do sistema conhecido como “As Três Irmãs”, prática ancestral indígena que associa o cultivo do milho, feijão e abóbora de forma interdependente: o milho serve de suporte para o feijão, o feijão fixa nitrogênio no solo e fortalece o milho e a abóbora cobre o solo, mantendo a umidade. A atividade permitiu refletir sobre como esses saberes dialogam com princípios ecológicos e sustentáveis ainda relevantes na agricultura atual.

A programação das atividades era estruturada em torno de temas como cosmologias indígenas e afro-brasileiras, religiosidades de matriz africana, culinária ancestral, interseccionalidade e as contribuições de povos negros e indígenas nas artes, na arquitetura e na própria história do Brasil. Também foram exploradas tecnologias ancestrais desenvolvidas por essas populações, evidenciando como esses saberes dialogam com práticas sustentáveis, sistemas agrícolas sofisticados, conhecimentos medicinais e formas de organização social que se alinham com fundamentos da ciência contemporânea. Toda essa discussão era ancorada na leitura de diversos textos multimodais, que apresentavam obras de caráter não só referencial, mas também artístico-literário.

Citando alguns dos materiais levantados para condução das reflexões, foram lidos e debatidos textos fundamentais como “Pele Negra, Máscaras Brancas”, de Frantz Fanon, diversas obras da coletânea “Feminismos Plurais”, organizada por Djamila Ribeiro, além de produções de autores indígenas como Daniel Munduruku, Ailton Krenak e Auritha Tabajara. O projeto também incorporou materiais não convencionais, como postagens de redes sociais, reportagens jornalísticas, letras de músicas e trechos de videocliques, recursos que contribuíram para uma análise crítica dos estereótipos de personagens negros e indígenas veiculados pela grande mídia.

Durante os encontros, eram propostas provocações pedagógicas com o objetivo de estimular uma leitura crítica da realidade. Ao final de cada ciclo, os participantes eram convidados a pensar e propor ações concretas de transformação social, essas propostas incluíam desde iniciativas de incidência política até formas de ampliar os debates étnico-raciais dentro das escolas e comunidades, reafirmando a diversidade que constitui o Brasil e a urgência do enfrentamento ao racismo estrutural.

Embora o projeto tenha sido concluído, ele deixou marcas profundas na prática pedagógica e no ensino de Ciências e áreas afins, ao demonstrar que o conhecimento científico pode e deve dialogar com os saberes tradicionais e com as experiências de sujeitos historicamente silenciados. A sistematização dessa vivência visa compartilhar seus desdobramentos, reforçando a necessidade de políticas públicas que incentivem a formação crítica de professores e a produção de materiais didáticos que contemplem a diversidade epistêmica. “Leituras Plurais” segue como uma referência de prática antirracista e decolonial no campo da educação, mesmo após o encerramento de suas atividades, afinal, recuperando Mignolo (2007), decolonizar é buscar pelo direito à diferença e a uma abertura pelo pensamento-outro.

REFERÊNCIAS

ALGARVE, V. **Cultura negra na sala de aula:** pode um cantinho de africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas? 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

BRASIL. **Educar na diversidade:** Material de formação docente. DUK, C. (ed.). Brasília: MEC, SEESP, 2006.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Gragoatá**, Niterói, v. 12, n. 22, p. 11-41, 1. sem. 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33191>. Acesso em: 30 jun. 2021.